

HQs no ensino de História: *V de Vingança* e o conceito de Fascismo

Rosane dos Santos*

Resumo: Esta comunicação tem por finalidade analisar a utilização da linguagem narrativa das histórias em quadrinhos enquanto ferramenta didático/pedagógica no ensino, fazendo uma abordagem a cerca dos usos e formas de aplicabilidade da leitura das histórias em quadrinhos para o ensino de História. Tomando como referência o romance gráfico *V de Vingança*, escrito por Allan Moore e desenhado por David Lloyd, com o intuito de verificar as possibilidades de discussão e problematização do conceito de fascismo, no seu sentido fenomenológico, para as aulas de História. Assim, demonstrando a lógica de organização e funcionamento do Estado fascista e suas prerrogativas ideológicas, ao qual a partir da leitura e interpretação desta obra é perceptível encontrar tais características no que concerne a descrição da ascensão de um governo fascista.

Palavras chave: História em quadrinhos; Ensino de História; Fascismo.

1. As histórias em quadrinhos no ensino de História

As histórias em quadrinhos, desde seu surgimento no final do século XIX nos Estados Unidos, até sua popularização de consumo¹, sempre apresentam uma forma de comunicação rápida, entre crianças, jovens, e adultos, que penetrou tanto nas camadas populares quanto eruditas da sociedade. Apesar de conquistar um grande público leitor, principalmente jovem, a leitura das HQs não era muito bem vista pelas camadas intelectuais da sociedade. A leitura destas era estigmatizada por desviar as crianças e jovens dos objetivos específicos do aprendizado e do rendimento escolar. Porém, com o desenvolvimento das

* Licencianda em História pelo Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) Orientada pela professora Doutora Jailma Maria de Lima, Coordenadora de Área do PIBID e professora do Departamento de História do CERES/UFRN.

¹ Pode-se afirmar que o florescimento das histórias em quadrinhos, apesar destas existirem em outros países, se deu mais precisamente nos Estados Unidos, no final do século XIX, onde havia as condições necessárias para que as HQs alcançassem o status de produto de consumo massivo.

ciências da comunicação e dos estudos culturais², em fins do século XX, as histórias em quadrinhos ascendem a um novo patamar, ganhando um pouco mais de notoriedade, sendo assim aceitas como elemento de destaque no sistema global de comunicação e como nova forma de manifestação artística. A partir deste momento, as HQs são analisadas sob uma ótica mais flexível e positiva, assim tornando possível uma aproximação entre as práticas pedagógicas e a utilização da linguagem das histórias em quadrinhos em sala de aula, com finalidades múltiplas, do que meramente entretenimento (VERGUEIRO, 2006).

Contudo, se faz pertinente antes de abordar a utilização das histórias em quadrinhos na sala de aula, compreender um pouco melhor qual a definição de HQs, assim como também entender o tipo de linguagem utilizada por esse meio de comunicação. Segundo o cartunista Scott McCloud, as histórias em quadrinhos podem ser definidas como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador” (McCLOUD, 1995: 9). Porém, a definição do que poderia ser considerado como história em quadrinhos é imensa e variada, é um processo contínuo e aberto, passível de reformulações e novas definições de seu conceito. A linguagem das HQs, mais utilizada e conhecida, é formada por um vocabulário composto por palavras, imagens e diversos ícones. A leitura das histórias em quadrinhos está interligada com a percepção do leitor, no caso o público é o principal colaborador no processo de conclusão e interpretação do enredo, atribuindo, de forma voluntária, mudança e movimento de acordo com disposição das lacunas entre os quadros. Assim, é através dos espaços e intervalos entre os quadrinhos que o leitor articula o sentido e o significado. Desse modo, a interpretação deliberada do leitor e o raciocínio dedutivo é a exigência básica para no processo de leitura as histórias em quadrinhos representarem questões de tempo e de movimento (McCLOUD, 1995).

Segundo Waldomiro Vergueiro, a utilização das HQs no ensino, deve-se levar em consideração as características de faixa etária, nível de conhecimento e capacidade de desenvolvimento intelectual do educando. As histórias em quadrinhos podem ter por objetivos pedagógicos:

² O desenvolvimento desses estudos fez com que os meios de comunicação, tais como o jornal, o rádio, a televisão, fossem considerados menos incompreensíveis sendo analisados em sua especificidade e influência na sociedade.

[...] introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. (VERGUEIRO, 2006:26).

A utilização de HQs no ensino apresenta um enorme potencial pedagógico, enquanto ferramenta de auxílio no processo de ensino/aprendizagem, funcionando como um meio de difusão do conhecimento histórico, viabilizando a construção de uma perspectiva mais crítica e reflexiva, menos superficial e idealizada a cerca da História (VILELA, 2006). O uso didático de histórias em quadrinhos apresenta alternativas para se fomentar atividades de mediação entre a cultura escolar e a cultura do aluno. Pois, são artefatos culturais que possibilitam aos alunos atribuir e operar conclusões relativas ao conhecimento histórico, favorecendo a transição dos conhecimentos prévios para o conhecimento elaborado no meio escolar. Assim, as HQs utilizadas como instrumento didático apresentam um potencial educativo na sala de aula porque, diferentemente dos materiais ditos tradicionais, podem suscitar nos alunos alguma atração ou fascínio, propiciando o desenvolvimento e a construção do conhecimento histórico (FRONZA, 2007).

2. V de Vingança

O enredo do romance gráfico, ou graphic novel, *V de vingança* retrata uma distopia, ou seja, uma utopia às avessas, numa provável realidade da Inglaterra situada na década de 1990, retratando que após uma guerra nuclear poucas nações e territórios sobreviveram a tal calamidade e outros países foram destruídos em decorrência desta. A Inglaterra, principal sobrevivente, haveria conseguindo se reconstruir, reerguendo-se novamente como potência, num mundo onde não havia quase mais nenhum país na Europa com tais possibilidades. A trama da história aborda que, após uma série de caos e turbulências sociais e políticas, um partido político consegue emergir na Inglaterra, tomar o poder de controle do Estado por meio da força, instaurando um período estável de ordem. Porém, o estabelecimento de tal ordem em questão tem como preço a supressão da liberdade dos cidadãos e a suspensão dos direitos dos contestadores deste partido no governo, além da perseguição das minorias no país, entre elas

negros, socialistas, anarquistas, homossexuais e judeus, em prol da formação de uma nação forte e de uma raça pura.

Eis que surge o personagem principal, codinome V, um anti-herói anarquista que usa uma máscara de Guy Fawkes³, vítima dos excessos de poder instaurado com o Estado fascista, ou totalitário. Este personagem quando consegue fugir e ficar livre dos abusos e da tortura de um dos campos de concentração no qual estava preso, resolve rebelar-se contra o Estado. Elaborando um plano de vingança para arruinar aqueles que tiveram participação no seu martírio e os administradores responsáveis pelas atrocidades cometidas no comando desse Estado, por meio da ação de ataques vitais ao funcionamento do sistema, no intuito de desestruturar e desorganizar totalmente a administração do governo para devolver nas mãos do povo a liberdade e o poder de controle sobre o governo e suas próprias vidas. Nesse sentido, a história em *V de Vingança* nos serve como ponto de partida para fomentar discussões em torno do conceito de Fascismo. Porém, ao trabalhar com história em quadrinhos nas aulas de História também devemos lembrar as peculiaridades que estão implícitas no processo de produção da obra, os valores e visões de mundo dos autores ou da própria editora (VILELA, 2006).

No romance gráfico *V de Vingança*, escrito por Allan Moore e desenhada em grande parte por David Lloyd, publicada inicialmente em 1982 na Inglaterra, é perceptível que a trama da história reflete e expressa inquietações próprias de seus respectivos criadores em torno da conjuntura política em que a Inglaterra estava vivenciando com o sistema Neoliberal e conservador do governo da ex-ministra Margaret Thatcher, e por isso transparecendo explicitamente um pessimismo político em relação à humanidade. A respeito disso, David Lloyd afirma: “Em V DE VINGANÇA, [...] não há muitos personagens alegres e descontraídos; e é pra gente que não desliga na hora do noticiário”.⁴ Com relação a isto, Allan Moore explica que ele e Dave Lloyd queriam criar,

[...] algo genuinamente britânico que não competisse com a enorme quantidade de material americano no mercado, o ambiente só poderia ser a Inglaterra. Além do

³ Personagem histórico, ativista católico que teve participação na conspiração da Pólvora, um pequeno levante que pretendia explodir o parlamento inglês e matar o rei James I.

⁴ Afirmação feita por Lloyd em 14 de janeiro de 1990, encontrada na introdução da edição publicada pela revista Panini Book do ano de 2012.

mais, uma vez que ambos partilhávamos do mesmo pessimismo político, o futuro nos parecia sombrio, desolador e solitário, o que nos garantia um conveniente antagonista político contra o qual nosso herói se bateria. (MOORE, 2012:272).⁵

Contudo, mais do que as influências do contexto histórico de seus criadores, o próprio Moore assume que também há influências de outros referenciais em *V de Vingança*, tais como o filme *Blade Runner*, o livro *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury e outros autores como George Orwell, Aldous Huxley, Thomas Disch, além de várias outras produções artísticas⁶.

3. A representação do Estado fascista em V de Vingança

A partir de agora interessa-nos abordar a representação do Estado fascista em V de Vingança. Mas antes, torna-se pertinente explicitar melhor aqui o conceito de fascismo. Segundo, Francisco Carlos Teixeira da Silva (2000), o fascismo no sentido fenomenológico pode ser entendido como movimento, ou, regime político-ideológico de estrutura autoritária que emprega práticas políticas repressivas, norteado por ideologia antiliberal, antidemocrática e anti-socialista. Caracterizado, também, pela evocação e defesa das origens e identidades nacionais ou raciais, no intuito de legitimar o movimento em si, assim exaltando o nacionalismo ao extremo. Buscando construir uma unidade e uniformidade de pessoas e pensamentos em torno da nação e do Estado, e para alcançar tal pretensão tornava-se necessário eliminar qualquer obstáculo que impossibilitasse o empreendimento dessa proposta de coesão nacional. Por isso, devotam desprezo pelo liberalismo, pelo socialismo e perseguiram as minorias, associadas com a alteridade, tais como judeus, homossexuais, ciganos, prostitutas, comunistas ou deficientes físicos.

⁵ Essa explicação faz parte de um artigo publicado por Allan Moore na revista *Warrior* 17 em Outubro de 1983, ao qual também se encontra juntamente com o material, num artigo extra, publicado na edição do ano de 2012 da revista Panini Books.

⁶ Juiz Dredd. "Repent, Harlequin!" Said the Ticktockman, Catman, Prowler in the City of the Edge of the World, de Harlan Ellison. Dr. Phibes e Theatre of Blood, de Vicent Price. David Bowie. O Sombra. Nightraven. Batman. Os textos da escola New Word's de ficção científica. A pintura de Marx Enest A Europa depois da chuva. A atmosfera dos filmes ingleses sobre a Segunda Guerra Mundial. O Prisioneiro. Robin Wood.

O sistema liberal, democrático e socialista, para fascismo, é entendido como elementos desagregadores que inviabilizam a coesão nacional e enfraquecem o Estado com lutas partidárias. No caso do liberalismo, enquanto sistema político e econômico, os fascistas acusavam as formas de organização e representação liberal de serem ineficientes e fragmentadas, para articular o desenvolvimento necessário à nação. Do mesmo modo, o sistema democrático é entendido enquanto forma de governo ineficiente e desestruturada em torno dos interesses particulares. No caso do socialismo, este é atacado por gerar uma luta de classes, desarticulando os interesses unificadores da nação.

No fascismo, a organização do Estado deve ocorrer de forma harmoniosa, sem a existência de lutas ou contradições. Ou seja, o Estado deve ser orgânico, bem sistematizado, sem disputas de poder, no qual cada instância do sistema deve responder ao líder nacional, representando desse modo a maximização do poder executivo em detrimento do legislativo e do judiciário. Dessa forma, o poder e os objetivos políticos maiores do Estado fascistas residiam “na vontade líder e num vago conceito de bem-estar da comunidade popular”. Assim, o Estado orgânico, “apresenta-se como fator de coesão nacional, capaz de reerguer a Nação e restaurar a identidade nacional dilacerada pelas lutas ensejadas pelo regime liberal” (TEIXEIRA DA SILVA, 2000: 133). Dessa forma, o Estado fascista atua como força aglutinadora, cumprindo a função de harmonizar os diferentes setores da vida coletiva estabelecendo uma unidade racial, nacional e religiosa em prol do bem-estar das massas.

O conceito de Fascismo encontrado em *V de Vingança* configura um governo bem estruturado e organizado, que controla e vigia as vidas dos civis com a finalidade de garantir o estabelecimento da ordem, por meio da instauração de um sistema político opressor para alcançar tais objetivos. Limitando assim a liberdade de expressão de qualquer indivíduo que possa vir a fazer algum protesto ou contestação de sua legitimidade. Inclusive, censurando culturalmente alguns segmentos da sociedade que poderiam remeter a outro modo de vida, apagado da memória social pela ditadura para obter o controle das massas através da instituição de uma uniformidade cultural pelo Estado, como está representado na figura 1. No qual também faz referência a outro elemento também existente num governo fascista, que é a liderança autoritária, o líder nacional que em sua vontade reside a fonte de todo o direito, que zela pelo bem-estar da nação. No caso de *V de Vingança*, o líder Adam Susan apresenta uma

personalidade psicótica, fria e sombria, com suas prioridades sempre voltadas para a manutenção do sistema político vigente.



Figura 1 Cena em que o líder Adam Susan se dirige ao seu gabinete. MOORE, Allan; LLOYD, David. *V de Vingança*. Barueri, São Paulo: Panini Books, 2012:39.

Como está bem representado na figura 1, o Estado fascista tem entre suas finalidades primordiais a construção de uma nação, ou sociedade, fundamentada na unidade do povo, na formação de uma nova estrutura social em que os corpos sociais estarão intergradados e articulados com os supremos interesses da nação, subordinada aos objetivos políticos do líder ou chefe nacional. Pelo qual todos devem prestar obediência, sucumbindo às proposições relacionadas com o nacional e o Estado. Este que dirige e normatiza a sociedade, não havendo mais distinção entre o público e o privado (TEIXEIRA DA SILVA, 2000).

O Fascismo em *V de Vingança* prega uma limpeza étnica e ideológica, fazendo uso de campos de concentração para cumprir tais premissas, relegando as minorias dos civis negros, judeus, homossexuais, deficientes físicos, socialistas e anarquistas ao trabalho forçado, a tortura, submetendo-os a experimentos científicos ilegais em humanos, sem se preocupar minimamente com a morte de tais vidas. Restringindo o exercício da cidadania e destruindo a autonomia política de tais civis, exercendo o controle ideológico subordinando a sociedade à razão do Estado. O aparato estatal instituiu um sistema de poder organizado entre dispositivos de vigilância, investigação, propaganda e coerção, que são respectivamente denominados metaforicamente de olhos, nariz, boca e dedo, e todos esses dispositivos estão submetidos a um centro de poder maior do Estado, representando a figura da cabeça, ou seja, o grande líder do partido. Essa disposição e organização do poder desempenha o funcionamento de um Estado orgânico, onde não há mais contradições ou debates, pois cada indivíduo dentro dos dispositivos estatais ocupa uma função especializada dentro do governo.

Para Hannah Arendt (1989), a tomada do poder por meio de mecanismos de violência não é um processo que está encerrado em si, mas um meio utilizado para cumprir um objetivo. Assim, nada impede que instrumentos repressivos continuem a serem empregados na manutenção do poder, tendo em vista que esse processo não é uma fase transitória que visa o fim do movimento. A finalidade do golpe ou movimento, fascista ou totalitário, é docilizar, aprisionar em seu domínio o maior número possível de indivíduos. E para isto, a propaganda e o terror absoluto ocupam função primordial para continuar subjugando e organizando as massas sob sua ideologia, implantando assim temor psicológico. Portanto, a propaganda, a doutrinação ideológica são instrumentos de suma importância para consolidação do regime; e o terror constitui a própria essência da forma do governo fascista ou totalitário. “Porém, sua existência não depende do número de pessoas que a infringem” (ARENDR, 1989: 393). Todavia, mesmo depois de consolidado seu domínio com a doutrinação ideológica, ainda se faz necessário para o regime ditatorial, seja fascista ou totalitário, prosseguir com a aplicação de atrocidades pelo terror, atingindo seu ápice nos campos de concentração.

Desse modo, observa-se que os aparelhos do Estado são tanto repressivos quanto ideológicos. O Aparelho Repressivo de Estado é constituído, geralmente, por instituições

coercitivas tais como o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões, e ainda as instituições do Governo e da Administração, isso porque a repressão nem sempre é revestida de violência física. Os Aparelhos Ideológicos do Estado são formados por instituições distintas e especializadas tais como a Igreja, a escola, os jornais, a família, as empresas culturais e o partido político. Assim, enquanto o aparelho repressivo, de forma mais unificada, pertence ao domínio público, a maior parte do aparelho ideológico se encontra no domínio do privado (ALTHUSSER, 1980). Nesse sentido, é perceptível que os aparelhos do Estado em *V de Vingança* funcionam simultaneamente pela ideologia e pela violência. Isso porque, a Igreja e os meios de informações de modo geral em *V de Vingança*, outros elementos também importante para se analisar, são instituições controladas pelo Estado. Cumprindo uma função também fundamental, pois além de manipularem a informação e de legitimarem a hegemonia do Estado fascista, a Igreja, a imprensa e a propaganda inserem a ideologia do governo no âmbito da vida privada dos sujeitos.

O Estado Fascista na história de *V de Vingança* ainda conta com outro dispositivo de poder, o Destino, um supercomputador que é conectado com todos os dispositivos do aparato estatal, além das câmeras e demais sistemas de informação e vigilância do governo que monopolizam a transmissão de informações nos meios de comunicação, ao qual o grande líder tem acesso, representado na figura 2. O supercomputador Destino tem como objetivo exercer a função de um dispositivo panóptico que intensifique os mecanismos de poder do Estado, que nos dizeres de Michel Foucault (2007) cumpre uma inspeção constante, ou seja, executa uma vigilância permanente, registrando ações e comportamentos dos indivíduos, sujeitando estes sem precisar recorrer ao uso da força, constituindo-se também num aparelho de fiscalização administrativa sobre os próprios dispositivos do Estado, restringindo o número de indivíduos que controlam o poder, ao mesmo tempo ampliando o controle sobre as massas. Sua aplicabilidade pode ser diversa, distribuindo indivíduos num espaço, organizando núcleos e instrumentos de poder. Dessa forma:

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que vem ser

conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça. (FOUCAULT, 2007: 169).



Figura 2 Cena em que o líder recebe informações dos diferentes departamentos a respeito de codinome V. MOORE, Allan; LLOYD, David. *V de Vingança*. Barueri, São Paulo: Panini Books 2012:17.

Portanto, em *V de Vingança* podemos presenciar a existência de um governo de ideologia antidemocrática e pró-ditatorial, que instaura uma ditadura unipartidária com práticas políticas autoritárias e repressivas, numa estrutura hierárquica que defende raízes nacionais e raciais que explicariam a legitimidade do movimento, de um nacionalismo ao extremo. Pois, uma das pedras angulares do fascismo é a defesa da coesão nacional, que está bem representado no lema do governo “Inglaterra Triunfa”. A história em *V de Vingança* sugere a formação de um Estado controlador que se faz necessário para impedir que a sociedade civil padecesse no caos da desordem novamente, concomitantemente impedindo o conflito social e fortalecendo a nação, monopolizando o poder nas mãos de um único partido,

onde não é realizado nenhum tipo de eleição para a escolha de seus representantes, retirando assim os direitos civis e políticos dos indivíduos.

4. Considerações Finais

Partindo da narrativa gráfica de *V de Vingança*, podemos abordar em sala de aula a representação da lógica de organização e funcionamento do Estado fascista e suas prerrogativas ideológicas, interpretando nesta obra características referentes à descrição da ascensão de um governo fascista. Como sugestão o professor pode criar alguns questionamentos para os alunos, com alguns dos fragmentos contidos neste romance gráfico, com o objetivo de provocar uma reflexão e discussão sobre o conceito de fascismo, inserindo como atividade ao final de algum conteúdo referente ao fascismo, nazismo e totalitarismo. As seguintes questões podem ser elaboradas nas aulas de História, para problematizar, discutir e refletir o conceito de fascismo:

- 1) Em sua opinião os fragmentos das imagens em *V de Vingança* apresentam alguma relação com os conteúdos discutidos em sala de aula? Explique por quê?
- 2) Destaque semelhanças e diferenças das práticas políticas em *V de Vingança* com os conteúdos discutidos em sala sobre fascismo e totalitarismo.
- 3) Quais os aspectos que caracterizam o Estado Fascista em *V de Vingança*?
- 4) Quais os mecanismos utilizados pelo governo em *V de Vingança* para exercer o controle ideológico?
- 5) Explícite quais os tipos de justificativas legitimam a repressão aos civis e a supressão de seus direitos instaurada pelo autoritarismo do governo na HQ *V de Vingança*?

Portanto, a partir da leitura da narrativa gráfica das histórias em quadrinhos o professor pode propor aos alunos questionamentos e discussões, atividades de leitura, interpretação e alguma dissertação escrita com temas que são pertinentes às aulas. No tocante à graphic novel *V de Vingança*, apesar de seu enredo retratar em alguns fragmentos cenas de violência e erotismo – neste caso tornar-se mais recomendável desenvolvê-la numa atividade

no Ensino Médio, assim como também não exclui a possibilidade do professor selecionar a sequência do enredo mais conveniente ao desenvolvimento da intervenção – em contrapartida também pode nos apresenta uma excelente ótica em relação ao papel e a importância dos direitos e deveres civis, do exercício da cidadania e de uma consciência política. Dessa perspectiva, as histórias em quadrinhos, utilizadas conforme objetivos concretos e definidos, não se limitam meramente a condição de entretenimento e ilustração das aulas, transformam-se em ferramentas didático/pedagógicas que favorecem o processo de ensino e aprendizagem do conhecimento histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.
- ARENDRT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *O panoptismo*. In: *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 34. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- FRONZA, Marcelo. *O significado das histórias em quadrinhos na educação histórica dos jovens que estudam no Ensino Médio*. Curitiba, 2007. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.
- McCLOUD, Scott. *Desvendando quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 1995.
- MENDES, Ivanilson de Melo. *O estado Totalitário em “V de Vingança”*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/O%20estado%20Totalitario%20em%20201cV%20de%20Vinganca201d.pdf>>. Acessado em: 01 mar. 2013.
- MOORE, Alan; LLOYD, David. *V de Vingança*. Barueri, SP: Panini Books, 2012.
- TEIXEIRA DA SILVA, F. C.. *Os Fascismos*. In: REIS FILHO, D. A. (Org); FERREIRA, J. (Org); ZENHA, C. (Org.). *O Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 3.
- VERGUEIRO, Waldomiro. *Uso das HQs no ensino*. In: RAMA, Angela e VERGUEIRO, Waldomiro (org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3ed – São Paulo: Contexto, 2006.

VILELA, Túlio. *Os quadrinhos na aula de História*. In: RAMA, Angela e VERGUEIRO, Waldomiro (org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3ed – São Paulo: Contexto, 2006.